

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.005

A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *CHÃ DOS ESQUECIDOS*: UMA PROPOSTA COM BASE NO MÉTODO RECEPCIONAL

Ananeri Vieira de Lima¹

Ana Paula Lima Carneiro²

RESUMO

A peça *Chã dos Esquecidos* (2020) foi publicada postumamente como parte das homenagens ao centenário de nascimento de Lourdes Ramalho (1920-2020). Em vida, a dramaturga deixou apenas rascunhos da obra, que veio à tona por meio de uma edição comemorativa. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho com a peça no ensino médio, fundamentada no método recepcional, explorando o papel das mulheres na narrativa. A proposta visa proporcionar aos alunos a oportunidade de analisar a representação feminina na obra, investigando como as personagens refletem a identidade cultural e social da região nordestina, além de compreender os papéis de gênero e as dinâmicas sociais presentes no contexto retratado pela autora. A pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo, com embasamento teórico em autores como Prado (2011), Candido (2019), Perrot (2017), Zolin (2009), Bordini e Aguiar (1993), Jauss (1994) e Lajolo (1997). A proposta pedagógica incentiva a leitura crítica da obra e sua relação com os desafios históricos e sociais enfrentados pelas mulheres. Além disso, o estudo

1 Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, ananerivieiralimaf10@gmail.com

2 Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, anapaulalima.uepb@gmail.com

evidencia como as personagens femininas representam diferentes perfis de mulheres nordestinas, desde figuras maternas e matriarcais até aquelas que rompem com os padrões tradicionais. Dessa forma, a proposta desenvolve nos alunos um olhar mais sensível e reflexivo sobre as relações de gêneros e o papel da mulher na literatura e na sociedade.

Palavras-chave: Representação da mulher, Relações de gênero, Método recepcional.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, em suas diferentes formas de expressão, configura-se como um campo fértil para a reflexão sobre identidade, cultura e representações sociais. No cenário da dramaturgia brasileira, Lourdes Ramalho (1920-2020) destaca-se por uma produção que exalta o universo nordestino, suas tradições e, de maneira especial, a força do protagonismo feminino. Dentre suas obras, a peça *Chã dos Esquecidos* (2020) revela-se particularmente relevante, não apenas por sua dimensão estética e temática, mas também por ter sido publicada de forma póstuma em uma edição comemorativa alusiva ao centenário de nascimento da autora. Esse texto dramático, ao recuperar elementos da memória cultural nordestina, propicia discussões acerca da condição da mulher em um contexto permeado por tensões entre permanências tradicionais e transformações modernas.

Nesse contexto, o ensino de literatura configura-se como uma oportunidade de promover leituras críticas que articulem a obra à realidade social, permitindo aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos históricos. Assim, considerando esses pressupostos, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura da peça *Chã dos Esquecidos* (2020) para o ensino médio, fundamentada no método recepional. A proposta busca valorizar a recepção dos alunos enquanto leitores, estimulando o diálogo entre o texto dramático e os contextos culturais e sociais que ele representa.

A pesquisa surgiu a partir de algumas inquietações, tais como: De que maneira a peça *Chã dos Esquecidos* (2020) pode ser trabalhada no ensino médio a partir do método recepional? Como o papel das mulheres é construído na narrativa da obra e quais sentidos essa representação pode suscitar nos estudantes? De que forma as personagens femininas refletem a identidade cultural e social do Nordeste brasileiro? Quais papéis de gênero e dinâmicas sociais estão presentes no contexto retratado por Lourdes Ramalho? Em que medida a leitura crítica da peça pode contri-

buir para uma reflexão mais ampla sobre a condição feminina na literatura e na sociedade? A fim de responder a esses questionamentos, este artigo tem como finalidade propor uma abordagem didática da peça *Chã dos Esquecidos* (2020) no ensino médio, fundamentada no método recepcional e com ênfase na representação feminina na narrativa. A proposta busca oferecer aos estudantes a oportunidade de analisar como as personagens refletem a identidade cultural e social do Nordeste, ao mesmo tempo em que favorece a compreensão dos papéis de gênero e das dinâmicas sociais presentes no universo construído pela autora.

A pesquisa possui caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentando-se em aportes teóricos de autores como: Prado (2011), Candido (2019), Perrot (2017), Zolin (2009), Bordini e Aguiar (1988), Jauss (1994) e Lajolo (1997). Esse referencial oferece subsídios para a análise da peça *Chã dos Esquecidos* (2020), permitindo articular elementos da tradição literária com discussões contemporâneas sobre gênero, recepção e identidade cultural. Nesse sentido, a proposta pedagógica delineada busca estimular nos alunos uma leitura crítica e reflexiva da obra, estabelecendo relações entre o texto literário e os desafios históricos e sociais enfrentados pelas mulheres. Além disso, pretende fomentar a percepção de como a literatura pode atuar como instrumento de questionamento, resistência e valorização das experiências femininas no contexto nordestino e na sociedade em geral.

As personagens das obras de Lourdes Ramalho são retratadas como figuras simples e humildes, em contraste com os heróis nobres e elevados característicos das tragédias clássicas. Em sua maioria, pertencem a uma classe de proprietários rurais em declínio, marcada pelos efeitos da seca. A peça *Chã dos Esquecidos* (2020), publicada postumamente, integra a memória cultural paraibana e possibilita reflexões sobre o esquecimento e a marginalização, ao apresentar personagens que representam indivíduos deixados à margem da sociedade. A obra evidencia as condições de vida no interior nordestino e levanta questões sociais relacionadas a gênero e identidade.

O artigo encontra-se organizado em três tópicos. O primeiro, intitulado “O método recepcional”, apresenta os conceitos e princípios que envolvem a estética da recepção e o método recepcional, bem como suas implicações para o ensino de literatura. O segundo, denominado “A dramaturgia de Lourdes Ramalho”, oferece um breve panorama sobre a autora e sua relevância, refletindo acerca de suas produções e destacando a obra póstuma *Chã dos Esquecidos* (2020). Por fim, o terceiro tópico, intitulado “Proposta pedagógica: gênero e identidade cultural em *Chã dos Esquecidos*”, aborda a representação feminina na literatura, a cultura e a identidade nordestina, além da função social da literatura, por meio de uma proposta pedagógica destinada ao ensino médio. Essa proposta fundamenta-se nas etapas do método recepcional, originado a partir da estética da recepção, e tem como objetivo levar os alunos a refletirem sobre a função social da literatura, a representação feminina, bem como sobre a cultura e identidade nordestina, mediante atividades de leitura, análise, debates e produções autorais.

2 O MÉTODO RECEPCIONAL

O surgimento da Estética da Recepção marca uma mudança significativa: o foco deixa de estar apenas no texto e passa a considerar a interação entre obra e leitor. Nesse processo, como observa Zilberman (1989), o texto literário não se esgota em si mesmo, pois pode ser continuamente reinterpretado, assumindo novos significados a cada leitura. Assim, a leitura ultrapassa os limites do escrito, projetando-se para a compreensão do mundo e possibilitando ao leitor exercer uma função ativa, inclusive como meio de reflexão e denúncia social.

[...] a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme o designa, seguindo marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instrumento social (Zilberman, 1989, p. 10-11).

Embora o leitor tenha sido historicamente marginalizado nas discussões literárias, sua participação é fundamental, pois é por meio da interação com o texto que a literatura mantém sua vitalidade e cumpre seu papel social. Dessa forma, a leitura não se limita à decodificação da obra, mas se torna um espaço de construção de sentidos, no qual o leitor atua como agente capaz de interpretar, questionar e até transformar a função social da literatura.

O projeto da estética da recepção é organizado em sete teses, que Jauss (1994) apresenta como uma reformulação da história da literatura, oferecendo uma nova abordagem para a leitura literária. As quatro primeiras teses possuem caráter teórico e metodológico, enquanto as três últimas desenvolvem desdobramentos práticos dessas premissas. A primeira tese sustenta que a literatura tem uma natureza essencialmente histórica, que se revela no processo de recepção e nos efeitos que uma obra provoca, ou seja, quando ela se mostra apta a ser lida e interpretada. A segunda tese de Hans Jauss (1994) trata da forma como o leitor recebe o texto, influenciando seu horizonte de expectativas em relação à obra. De acordo com esse conceito, cada leitor pode interpretar a obra de maneira distinta, conforme seus conhecimentos prévios e experiências pessoais.

Os elementos necessários para medir a recepção de um texto encontram-se no interior do sistema literário. Em vez de lidar com o leitor real, indivíduo com suas idiossincrasias e particularidades, buscando determinar seu saber prévio (Jauss, 1994, p. 174).

A análise da recepção literária deve concentrar-se nos elementos internos do sistema literário, e não no leitor individual com suas características e experiências particulares. Segundo Jauss (1994), o objetivo não é mapear o conhecimento prévio de cada leitor, mas compreender como a obra estabelece possibilidades de interpretação dentro de seu próprio contexto literário. Dessa forma, a recepção é entendida como uma relação dinâmica entre o texto e os horizontes de expectativa que ele provoca,

permitindo múltiplas leituras sem depender exclusivamente das idiossincrasias do leitor.

As teses de Jauss apresentam diferentes perspectivas sobre a recepção literária. Na terceira tese, ele ressalta que o texto pode tanto atender ao horizonte de expectativas do leitor quanto rompê-lo, dependendo do repertório literário individual. A quarta tese analisa a relação entre a obra e a época de sua criação, permitindo reconstruir o horizonte de expectativas e compreender a originalidade do texto. Já a quinta tese enfatiza a dimensão diacrônica, observando a obra ao longo do tempo, de modo que o texto adquire novos sentidos em diferentes momentos históricos. A sexta tese aborda a perspectiva sincrônica, comparando obras produzidas na mesma época para identificar semelhanças, diferenças e rupturas. Por fim, a sétima tese investiga a relação entre literatura e sociedade, destacando a reflexão e a criticidade do leitor e consolidando a literatura como ciência literária moderna, distinta dos modelos tradicionais.

A última tese parece fugir aos objetivos de uma história da literatura. Porém, cumpre lembrar que o autor compreende essa última como fundamento para uma nova ciência literária; consequentemente, esta também precisa examinar seu objeto desde o ângulo da ação que provoca (Zilberman, 1989, p. 39).

Embora a última tese de Jauss possa parecer distante dos objetivos tradicionais da história da literatura, ela é entendida como base para a consolidação de uma nova ciência literária. Segundo Zilberman (1989), essa perspectiva implica que a literatura deve ser analisada não apenas como obra estética, mas também considerando os efeitos e ações que provoca no leitor. Dessa forma, a obra literária é compreendida em sua dimensão social e interativa, reforçando a ideia de que o estudo da literatura deve abarcar a relação dinâmica entre texto e recepção.

A Estética da Recepção propõe uma leitura dinâmica da literatura, rompendo com a interpretação rígida e limitada ao texto escrito. O leitor passa a interagir com as relações internas e externas da obra, considerando questões sociais e experiências da realidade, permitindo compreender,

refletir e projetar ideias que podem transformar a sociedade. Candido (2019) reforça que diferentes leituras possibilitam novas interpretações e visões sociais do texto.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Candido, 2019, p. 84).

A literatura como um sistema dinâmico e vivo, no qual as obras interagem entre si e com os leitores. A existência da obra depende da participação ativa do leitor, que a interpreta, aceita ou até transforma, mostrando que a literatura não é um produto fixo ou unívoco. Além disso, a interação entre obra, leitor e autor constrói a realidade literária ao longo do tempo, evidenciando que a leitura é um processo contínuo e interativo, no qual sentido e valor da obra se renovam constantemente.

O Método Recepcional, desenvolvido por Maria Glória Bordini e Vera Aguiar (1993), baseia-se nos estudos de Hans Robert Jauss e nas sete teses da Estética da Recepção para propor um conjunto de etapas metodológicas que promovem uma leitura literária significativa, socialmente engajada e reflexiva. O método valoriza o papel da escola na formação de leitores críticos, orientando práticas pedagógicas que tornam a leitura uma experiência dinâmica e transformadora.

A atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela, no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculada e a consciência que delas possui (Bordini; Aguiar, 1993, p. 84).

A recepção literária, portanto, vai muito além do simples ato de ler: ela envolve um processo interpretativo dinâmico, em que o leitor participa

ativamente da construção de sentidos. Cada leitura é única, pois o leitor traz consigo sua bagagem cultural, emocional e intelectual, que dialoga com os elementos presentes no texto. Assim, o significado de uma obra não está fixo apenas nas intenções do autor, mas emerge da interação entre texto e leitor, mediada pelo contexto histórico e social de ambos. Desse modo, a literatura torna-se um espaço de trocas simbólicas, em que cada nova leitura pode revelar perspectivas diferentes e renovar o valor estético e humano da obra.

O Método Receptional é estruturado em cinco etapas: determinação do horizonte de expectativas, atendimento ao horizonte de expectativas, ruptura com o horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas. Cada etapa orienta o processo de leitura, permitindo que o leitor intérprete, dialogue e amplie sua compreensão da obra literária. A determinação do horizonte de expectativas permite compreender o contexto de recepção previsto pelo leitor, enquanto o atendimento e a ruptura desse horizonte promovem reflexão crítica sobre a obra. O questionamento e a ampliação do horizonte, por sua vez, possibilitam que novas interpretações surjam, ampliando a compreensão e o engajamento do leitor com o texto. Dessa forma, o método não apenas orienta a leitura, mas também contribui para a formação de leitores críticos, reflexivos e socialmente conscientes. Método que dialoga com as concepções de Lajolo (1997), pois, segundo a referida autora, a leitura não se restringe ao ambiente escolar, mas deve ultrapassar seus limites, permitindo ao leitor compreender melhor o mundo e viver de forma mais consciente em sua cultura. Quanto mais ampla for a concepção de mundo e de vida do leitor, mais intensa se torna a leitura, que se configura como um processo contínuo e em expansão.

3 A DRAMATURGIA DE LOURDES RAMALHO

Lourdes Ramalho nasceu em uma família de fazendeiros e de intelectuais e artistas ligados às práticas culturais populares. Apesar de ter

acesso a uma educação formal de qualidade no sertão nordestino da primeira metade do século XX, a autora cresceu em contato com cantadores de viola, cordelistas e contadores de histórias. Esse contexto cultural teria sido determinante para que ela assimilasse elementos da literatura popular, posteriormente incorporados à sua escrita dramática (Andrade, 2005).

Lourdes Ramalho pode ser reconhecida como uma das principais representantes da dramaturgia escrita por mulheres no Brasil, destacando-se por uma produção que valoriza a cultura nordestina no contexto da literatura nacional. De acordo com Andrade e Maciel (2005, p. 8), Lourdes Ramalho é uma: “[...] autora ímpar na história do teatro paraibano, cuja produção dramática remonta os idos da década de 1970, sendo marcados estes últimos mais de 30 anos por uma profícua atividade criadora”. Lourdes Ramalho tem uma grande relevância no cenário teatral paraibano, trata-se de uma autora singular. A sua produção dramática evidencia não apenas a longevidade de sua carreira, mas também a intensidade e consistência de sua atividade criativa. Isso reforça o papel da escritora como referência cultural e literária, cuja obra dialoga com a tradição nordestina e contribui para a consolidação do teatro produzido na Paraíba.

Entre os anos de 1964 e 1966, Lourdes Ramalho escreveu suas primeiras peças, como *O príncipe valente*, *O pequeno herói* e *Ingrato é o céu*. Em 1972, produziu *Fogo-Fátuo*, apresentada no Festival Nacional de Teatro (FENAT), em Campina Grande, e, em 1974, lançou *As velhas*, uma de suas obras mais reconhecidas, que denuncia as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino diante da seca. Na mesma década, seguiram-se outras produções importantes, como *A Feira* (1976), *Os maus-amados* (1976), *A festa do Rosário* (1977) e *A Eleição* (1977). Sua última grande publicação foi *Chã dos esquecidos* (2020), lançada postumamente, um drama que retrata os conflitos de uma família nordestina em torno da partilha de terras, explorando temas como desigualdade social, relações familiares e a dura realidade do sertão.

A trajetória dramática de Ramalho evidencia um compromisso com a cultura popular nordestina e a construção de personagens profun-

damente humanos, capazes de gerar identificação e empatia no público, consolidando-a como um dos grandes nomes da dramaturgia brasileira.

A peça *Chã dos Esquecidos*, de Lourdes Ramalho, foi publicada em 2020 em uma edição comemorativa do centenário de nascimento da autora (1920–2020), em Campina Grande – PB. A obra narra a história de uma família nordestina marcada por diversos conflitos, tendo como eixo central a disputa pela herança de uma terra, a própria “Chã”. Trata-se de um terreno plano, de vegetação escassa, cuja frágil cobertura vegetal não se desenvolve devido às condições áridas, arenosas e salitradas da região.

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA: GÊNERO E IDENTIDADE CULTURAL EM CHÃ DOS ESQUECIDOS

As atividades serão embasadas no Método Receptional de Bordini e Aguiar (1993). Dessa forma, a sequência didática terá duração de 10 aulas, seguindo as etapas que compõem o método: Determinação do horizonte de expectativas; Atendimento ao horizonte de expectativas; Ruptura com o horizonte de expectativas; Questionamento do horizonte de expectativas e Ampliação do horizonte de expectativas. A etapa inicial do método receptional consiste em identificar o horizonte de expectativas do leitor. Em sala de aula, o primeiro movimento do professor deve ser justamente reconhecer o horizonte de expectativas da turma. Esse processo envolve reunir informações sobre os estudantes a respeito de suas crenças, valores, gostos, modos de vida e interesses relacionados às formas de leitura literária. Em outras palavras, trata-se de um levantamento sobre as preferências de leitura dos alunos. Conforme Bordini e Aguiar (1993):

As características desse horizonte podem ser constatadas pelo o exame das obras anteriormente lidas através de técnicas variadas, tais como: observação direta do comportamento, pelas reações espontâneas a leituras realizadas, ou através da expressão dos próprios alunos em debates, discussões, respostas a entrevistas e questionários, papel em jogos, dramatizações e outras manifestações quanto a sua experiência das obras (Bordini; Aguiar, 1993, p. 88).

O horizonte de expectativas dos alunos pode ser identificado por meio de diferentes estratégias pedagógicas, que vão além da simples leitura individual. Bordini e Aguiar (1993) ressaltam a importância de observar as reações espontâneas, os debates em sala de aula, as respostas em entrevistas ou questionários e até práticas mais dinâmicas, como jogos e dramatizações. Isso demonstra que a experiência literária dos estudantes deve ser compreendida de forma ampla e diversificada, considerando tanto as manifestações verbais quanto as expressões práticas, o que possibilita ao professor uma visão mais completa do repertório e das percepções da turma.

A nossa proposta tem como tema: Gênero e identidade cultural em *Chã dos esquecidos*, que tem como metodologia o Método Recepional. A primeira etapa, que é a Determinação do horizonte de expectativas, serão dedicadas duas aulas, com o objetivo de levantar o repertório prévio dos alunos do ensino médio, uma das 3 séries do ensino médio, sobre literatura nordestina, dramaturgia, gênero e identidade cultural. Iniciaremos com uma conversa, como o intuito de saber o que os alunos já sabem sobre o sertão nordestino, família, herança e desigualdades sociais. Em seguida, buscaremos por meio de uma roda de conversa fazer um levantamento sobre as impressões sobre o que esperam de uma peça que aborda esses temas.

A ausência de visibilidade feminina na história e na literatura constitui um aspecto relevante que continua a impactar as sociedades atuais. As participações e conquistas das mulheres foram frequentemente desvalorizadas, colocadas à margem ou até mesmo eliminadas dos relatos históricos e das produções literárias hegemônicas. Conforme Zolin (2009) destaca:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se

nesse universo, foi preciso uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (Zolin, 2009, p. 253).

O cânone literário tradicional foi historicamente moldado por homens brancos de classes médias ou altas, refletindo uma visão de mundo que marginaliza sistematicamente mulheres, pessoas de outras etnias, minorias sexuais e grupos socialmente desfavorecidos. Para que as mulheres conquistassem espaço nesse universo literário, foi necessária uma ruptura com os padrões hegemônicos, ou seja, a inclusão feminina na literatura não se deu de forma natural, mas através de um processo de resistência e reinterpretação das normas culturais estabelecidas.

A segunda aula será dedicada a um debate sobre o papel da mulher e do homem em famílias tradicionais do interior (relação com gênero). Aula em que iremos introduzir falando sobre a vida e obra da escritora Lourdes Ramalho, destacando a sua importância para a dramaturgia feminina e nordestina.

Para o atendimento ao horizonte de expectativa dos alunos, também serão dedicadas duas aulas, onde iremos apresentar o texto, confirmando ou não as expectativas iniciais dos estudantes. Em seguida iniciaremos uma leitura dramatizada da peça *Chã dos esquecidos* (leitura em voz alta), com o objetivo de que ao realizarem essa leitura, eles possam realizar uma interpretação inicial dos personagens. Na próxima aula, os alunos terão a oportunidade de realizarem um debate, para iniciar a conversa levantaremos o seguinte questionamento: *quais expectativas levantadas inicialmente foram confirmadas na leitura até aqui?* Após isso solicitar a produção de um cartaz coletivo, em que os alunos possam demonstrar o que a peça confirma sobre gênero e identidade cultural.

A análise da representação das personagens é muito importante, e de acordo com Candido (2019), ao realizar uma análise literária, o elemento social não deve ser considerado apenas como referência externa para identificar a época ou a sociedade retratada, nem apenas como enquadramento histórico; ele deve ser compreendido como parte integrante da

construção artística da obra, atuando em um nível explicativo e não meramente ilustrativo. Prado (2011) destaca que as personagens são essenciais para a construção do enredo. No romance, elas desempenham papel central, enquanto no teatro constituem praticamente toda a obra, sendo através delas que tudo se revela. Em outras palavras, no teatro, elas assumem posição quase exclusiva, sendo o principal meio pelo qual a obra se manifesta e se constrói. Essa diferenciação ressalta como a narrativa e a representação dramática dependem de maneiras distintas da presença e da atuação das personagens, revelando a importância de compreendê-las no contexto específico de cada gênero.

Na ruptura do horizonte de expectativas, iremos identificar elementos que surpreendem os alunos, rompendo com as expectativas iniciais, por meio da leitura de trechos em que aparecem os conflitos familiares e a disputa pela terra, discutindo sobre como a obra rompe ideias prévias sobre família, herança, papel da mulher e da cultura nordestina. Na próxima aula, iremos solicitar que os alunos realizem uma produção escrita sobre o que mais o surpreendeu na peça até agora, em seguida solicitar que eles compartilhem as respostas, realizando uma sistematização coletiva.

No questionamento do horizonte de expectativas, terá como objetivo estimular uma reflexão crítica sobre os significados sociais e culturais da obra por meio de um debate orientado, levantando os seguintes questionamentos: *Como a peça problematiza as desigualdades sociais e de gênero? O que a obra revela sobre a cultura nordestina e a identidade cultural brasileira?* Na aula seguinte será realizada uma atividade interdisciplinar para que os alunos possam relacionar a peça com discussões da Sociologia e História sobre patriarcado, desigualdade social e políticas públicas no Nordeste, com a produção de cartazes e mapas conceituais, envolvendo o seguinte tema: *Chã dos Esquecidos e a realidade social do sertão*. Pois como sabemos, o patriarcado continua sendo uma realidade evidente não apenas no Nordeste do Brasil, mas em toda a sociedade contemporânea, mesmo após algumas mudanças ao longo da história.

Esse sistema social se caracteriza pela predominância do poder e da autoridade masculina sobre as mulheres, e, apesar de avanços, tal lógica ainda se manifesta em diversos aspectos da vida feminina.

De acordo com Perrot (2017, p. 16): “Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no aquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões”. Um silêncio histórico e social que não recai apenas sobre as mulheres, mas também sobre diferentes grupos invisibilizados ao longo do tempo. Contudo, esse silêncio se mostra mais intenso e persistente em relação às mulheres, que, por múltiplas razões, foram historicamente relegadas ao espaço privado, marginalizadas nos registros oficiais e excluídas das instâncias de poder e decisão. A autora evidencia, assim, como a opressão de gênero se soma a outras formas de silenciamento, revelando a urgência de resgatar e valorizar as experiências femininas como parte fundamental da memória e da história da humanidade.

A obra nos faz refletir sobre o papel da mulher na sociedade e a sua representação na literatura. Na peça *Chã dos Esquecidos* (2020), de Lourdes Ramalho, os perfis femininos são retratados de forma diversa, oscilando entre a herança de submissão patriarcal e a força de resistência. Donana se destaca como a mulher madura e lúcida, capaz de questionar a fragilidade das tradições e do poder masculino. Já as mulheres do povo, como as Marias, simbolizam a luta cotidiana marcada por pobreza e exclusão, mas também revelam uma resistência silenciosa. As mulheres ligadas à família dos coronéis refletem a submissão imposta pela ordem patriarcal, embora demonstrem, em certos momentos, sua capacidade crítica. De modo geral, Lourdes Ramalho dá voz às mulheres, revelando sua importância no questionamento das tensões entre tradição e mudança.

Para finalizar as etapas do método recepcional com a Ampliação do horizonte de expectativas, teremos como objetivos expandir a compreensão da obra, relacionando-a a novas leituras, contextos e produções criativas. Para tanto, solicitaremos a realização de uma dramatização de

cenar ou adaptação de trechos para a realidade atual, tais como: conflitos de herança, relações de gênero etc.); como também pode ser realizada, por aqueles alunos que não quiserem fazer a dramatização, a produção de textos reflexivos ou poéticos a partir da obra. Um aspecto interessante está no pensamento de André em relação a assumir o lugar de seu falecido pai como coronel. Ele questiona a própria mãe, já que seu irmão, Pedro, havia chegado solicitando que a chã fosse incluída na herança. A partir daí, André passa a refletir sobre como os possíveis inimigos políticos poderiam se aproveitar daquela situação, iniciando o seguinte diálogo:

ANDRÉ – Para os nossos inimigos vai ser prato cheio. Já estão explorando! E na próxima eleição vou me candidatar, ocupar o lugar de meu pai no Conselho e preciso dos votos do Coronel João.

DONANA – Os tempos mudaram, menino. Rei morto, rei posto.

ANDRÉ – Por quê?

DONANA – Nem o Coronel, há tempos enfermo, nem seu pai, agora enterrado, terão mais o antigo prestígio.

ANDRÉ – E a tradição das duas famílias?

DONANA – Tradição... Que têm feito, até hoje, você e Diogo, pra se julgarem dignos dessa tradição? – Apenas farras, maluquices... (Ramalho, 2020, p. 46).

O diálogo entre André e Donana revela um choque de perspectivas sobre a política e a tradição familiar. Enquanto André demonstra preocupação em preservar o prestígio herdado do pai e em garantir apoio político para se consolidar como sucessor, Donana adota uma visão mais realista, reconhecendo a fragilidade do poder baseado apenas na herança e na tradição. Sua fala evidencia a mudança dos tempos, em que a autoridade já não se sustenta unicamente nos laços familiares ou no título de coronel, mas exige ações concretas e legitimidade. A crítica de Donana aos filhos reforça esse contraste, apontando que eles pouco fizeram para realmente honrar o peso da tradição que reivindicam.

Um ponto importante para ser discutido nas aulas é a representação da mulher em um cenário moldado pela tradição patriarcal e pelo coro-

nelismo nordestino. Personagens como Donana expressam, ao mesmo tempo, marcas de submissão e traços de resistência frente à ordem masculina. Donana se destaca por sua consciência crítica acerca da fragilidade do poder e da tradição, contrapondo-se ao ideal masculino de prestígio político. Com isso, Lourdes Ramalho oferece voz às mulheres em um espaço que costuma silenciá-las, mostrando-as além do papel doméstico: como agentes de reflexão e questionamento social. Portanto, o texto nos revela a condição feminina em uma sociedade patriarcal, mas também aponta possibilidades de ruptura, ao destacar uma mulher capaz de criticar e mostrar resistência diante das imposições culturais e familiares.

A última aula será para a socialização das produções (apresentação de cenas, textos, cartazes). E em seguida o debate final, destacando como a visão dos alunos sobre literatura, gênero e identidade cultural mudou ao longo das aulas, momento em que os alunos podem realizar uma autoavaliação sobre como a sua compreensão foi ampliada a partir da obra *Chã dos Esquecidos* (2020). Dessa forma, os alunos poderão ser avaliados a partir da participação nos debates, produções escritas, envolvimento na leitura dramatizada e dramatizações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da peça *Chã dos Esquecidos* (2020), de Lourdes Ramalho, permite evidenciar a riqueza e a complexidade dos perfis femininos que compõem a narrativa. As personagens revelam diferentes formas de inserção da mulher no universo patriarcal do sertão nordestino, ora reproduzindo a lógica de submissão e silêncio, ora assumindo posturas de resistência e crítica frente às tradições e ao poder masculino. Essa pluralidade evidencia que a dramaturga não reduz a mulher a um único estereótipo, mas constrói imagens múltiplas e contraditórias, que refletem a realidade social e cultural da região.

Ao relacionar os papéis de gênero ao contexto social representado na obra, percebe-se que Lourdes Ramalho constrói uma narrativa pro-

fundamente enraizada nas dinâmicas históricas e culturais do Nordeste brasileiro. Elementos como o coronelismo, a disputa por terras e as desigualdades de classe e de poder moldam o destino das personagens femininas, que vivem sob o peso de uma estrutura patriarcal rígida. No entanto, essas mulheres não se limitam à condição de submissão: elas também se revelam como agentes de resistência, capazes de questionar e, em alguns casos, subverter os papéis que lhes foram impostos. Desse modo, Ramalho oferece uma representação complexa da mulher nordestina – simultaneamente guardiã da tradição e voz de mudança –, evidenciando as contradições entre a conservação dos costumes e o desejo de transformação social. Sua obra, portanto, não apenas retrata um contexto histórico específico, mas também amplia o debate sobre as relações de gênero, mostrando como as tensões entre permanências e rupturas refletem os processos de emancipação e de luta por identidade feminina na sociedade brasileira.

As conexões entre texto, identidade cultural e desafios históricos enfrentados pelas mulheres emergem de forma contundente na peça. O sertão, com suas marcas de seca, desigualdade e memória coletiva, é apresentado como espaço de resistência e de esquecimento, no qual a condição feminina se inscreve como um componente fundamental da experiência histórica. Ao dar voz às mulheres, Lourdes Ramalho resgata trajetórias que foram silenciadas e evidencia a necessidade de repensar a representação feminina na literatura.

Dessa forma, a proposta pedagógica apresentada assume um papel transformador no ensino de literatura, ao promover uma leitura que ultrapassa a mera decodificação textual e estimula a reflexão crítica. Por meio do método recepcional, o estudante é convidado a tornar-se sujeito ativo do processo interpretativo, relacionando o texto literário com sua própria realidade e com as questões sociais que o cercam. Essa abordagem favorece não apenas a valorização da identidade cultural nordestina, mas também o reconhecimento das lutas e conquistas femininas, permitindo uma análise mais profunda das representações de gênero presentes nas

obras. Além disso, contribui para a formação de leitores autônomos e conscientes, capazes de compreender a literatura como uma ferramenta de conhecimento, de questionamento e de transformação social.

Por fim, acredita-se que a aplicação dessa proposta pedagógica não se encerra em seus resultados imediatos, mas abre espaço para múltiplos desdobramentos acadêmicos e educacionais. Novas pesquisas podem aprofundar o estudo da dramaturgia de Lourdes Ramalho, especialmente no que diz respeito à representação feminina e às relações entre literatura, cultura e sociedade. Do mesmo modo, a continuidade de práticas didáticas que articulem os temas de gênero e identidade cultural contribui para a formação de leitores críticos e socialmente engajados. Inserir obras como *Chã dos Esquecidos* no currículo escolar significa reconhecer o valor de uma dramaturgia que resgata e preserva a memória cultural nortestina, ao mesmo tempo em que provoca reflexões sobre as desigualdades e transformações da sociedade contemporânea. Trata-se, portanto, de uma ação que integra arte, educação e cidadania, reafirmando o poder da literatura como instrumento de formação humana e social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Valéria; MACIEL, Diógenes André Vieira. Apresentação: Lourdes Ramalho revisitada. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro de Lourdes Ramalho**: 2 textos para ler e/ou montar. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes André Vieira Maciel. Campina Grande; João Pessoa: Bagagem; Ideia, 2005, p. 07-14.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura - a formação do leitor**: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Chã dos esquecidos**. Organização e aparato crítico de: Diógenes Maciel e Valéria Andrade. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2. ed., 4ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio. *Et al*, **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 81-101.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Tomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 253-261.